

Vistas e horizontes da Serra da Barriga

Landscapes and Perspectives from Serra da Barriga

Flávia Maria de Carvalho*

Resumo: Comentário crítico para a seção de debates sobre o livro *Palmares & Cucaú: o aprendizado da dominação*, de Silvia Hunold Lara.

Palavras-chave: Palmares; Silvia Lara; historiografia.

Abstract: Critical Commentary for the Debate Section on the Book *Palmares & Cucaú: O Aprendizado da Dominação*, by Silvia Hunold Lara.

Key words: Palmares; Silvia Lara; Historiography.

Definindo e percorrendo caminhos: rotas em direção a Palmares & Cucaú

AS ESCRITAS SOBRE o “quilombo de Palmares” têm suas próprias histórias. Em tempos e espaços distintos, elas nos levam a pensar sobre uma questão tão cara ao ofício do historiador: os usos e as intenções presentes na forma de contar e explicar o passado. A valorização, ou o silenciamento, de episódios específicos sobre as comunidades quilombolas localizadas no sul da antiga capitania de Pernambuco merece atenção, e Silvia Lara analisa com maestria esse percurso sobre as muitas histórias que cruzam e tangenciam tanto os espaços palmarinos quanto seus personagens. O livro é uma obra, tanto no sentido de construção elaborada que seguiu um rigor metodológico lapidado quanto no sentido do impacto que representa nas formas que até então nos ensinaram a pensar a história de Palmares e de seus arredores.

Silvia Lara apresenta seus objetos de investigação ao mesmo tempo em que sinaliza os caminhos trilhados durante sua pesquisa. Dessa forma, o livro analisa tanto

* Professora de História da África da UFAL, Doutora em História Social (UFF), autora do livro *Sobas e Homens do Rei: relações de poder e escravidão em Angola (séculos XVII-XVIII)*. E-mail: flavia.carvalho@ichca.ufal.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8843-1734>.

as comunidades quilombolas e suas relações com os representantes da administração metropolitana quanto os processos de localização, transcrição, comparação e estudos sobre os documentos que contam essas histórias.

A análise sobre a historiografia fomenta a reflexão sobre qual versão contada a respeito das histórias dos quilombos da Serra da Barriga e de seus arredores foi privilegiada por cada época e momento da historiografia. Algumas questões como: o que cada um dos autores pode ter considerado como prioridade nas pesquisas, quais suas demandas e motivações para estudar o assunto; o que teria sido importante contar, ou silenciar, sobre as experiências das resistências escravas seiscentistas aparecem como importantes pontos para avaliar o que aprendemos, e também sobre as representações que construímos em nossos imaginários a respeito das sociedades palmarinas.

Palmares & Cucaú mostra que buscar os arquivos e retornar sempre a eles é um imperativo, assim como seguir as pistas que aparecem pelo caminho, investigá-las e seguir seus rastros, contextualizar interpretações anteriores e problematizá-las com as ferramentas que temos atualmente. Disputas por memórias, conflitos entre diferentes perspectivas teóricas e interesses por parte de movimentos sociais empenhados na valorização de protagonismos negros na história do Brasil são pautas consideradas por Silvia Lara em suas trilhas pela Serra da Barriga.

Em sua trajetória de investigação, a historiadora trilhou e acompanhou o percurso das escritas, tornando as fontes sobre Palmares também seus objetos de estudo. Incorporou e seguiu o rastro de documentos de diferentes acervos, enfatizando manuscritos que não haviam sido ainda usados em investigações sobre o famoso quilombo das Alagoas. A administração colonial portuguesa determinava um fluxo por onde suas correspondências, ofícios e demais documentos deveriam seguir por órgãos e instituições que faziam parte da burocracia da Coroa. A pesquisa realizada mostra como os caminhos das fontes se cruzaram com os caminhos das pesquisas da autora.

Silvia Lara utilizou fontes que fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, do Arquivo da Universidade de Coimbra e da Biblioteca Pública de Évora. Considerou os documentos e as escritas desses documentos em seus tempos e em seus espaços, as intencionalidades de seus silenciamentos e de seus destaques. Os registros, e o que cada um deles pode nos contar, ganharam um relevo ímpar na pesquisa, fazendo com que ao mesmo tempo seja possível aprender sobre as histórias palmarinas e, também, sobre rigor e excelência na metodologia da pesquisa histórica. *Palmares & Cucaú* é também um livro sobre o ofício do historiador, sobre o exercício da profissão.

A *Descrição de Palmares de 1678*, publicada pela primeira vez em 1859, se tornou alvo de investigações, assim como o manuscrito localizado na Biblioteca Pública de Évora embasou a escrita de outra obra intitulada *Memória dos feitos que se deram durante os*

primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destroço e paz aceita em junho de 1678, escrita por Pedro Paulino da Fonseca e publicada em 1876.¹ Confrontando as fontes, surgiram questionamentos: o que foi reproduzido, o que foi mantido, o que foi alterado e o que foi silenciado em cada uma dessas versões? O livro mostra a investigação sobre as histórias dessas fontes. A leitura de *Palmares & Cucaú* amplia o interesse do leitor para duas frentes distintas, mas que se encontram no mesmo percurso: o quilombo e suas histórias, e as fontes que nos contam essas mesmas histórias.

A imagem que vem à minha mente após a leitura do livro é a de um grande caminho. Em um primeiro momento existe a necessidade da definição das rotas, logo após a escolha da bagagem a ser levada nessa jornada, na sequência o trajeto em si, e por fim o panorama representado pela conclusão de uma pesquisa como a possibilidade de enxergar Palmares por um horizonte amplo, lá de cima, após a subida da serra.

Depois de um longo percurso marcado pela definição e redefinição de possíveis rumos, pela superação das dificuldades enfrentadas na busca pelas fontes, é também necessário revisitar trilhas que já haviam sido percorridas por estudiosos que estiveram lá antes dela, revendo interpretações e reconsiderando leituras. A caminhada segue com o questionamento sobre os motivos que levaram à renúncia de debates a respeito do tratado de paz assinado por Gana Zumba. Silvia Lara analisa as consequências desse acordo, e apresenta outras histórias que precisam ser ensinadas sobre as sociedades que habitaram os quilombos da região, com a inclusão de Cucaú nesse cenário. O historiador não tem o direito de escolher seus protagonistas às custas do silenciamento de outros personagens que nem sempre contam as histórias que o pesquisador gostaria de contar. Silvia Lara também adverte sobre isso, e ao reparar a relevância das negociações nas formas de escrever, nos conta outras versões sobre *os aprendizados da dominação*.

Silvia Lara nos apresenta a plataforma *Documenta Palmares*,² que é mais do que uma base de dados ou instrumento de pesquisa, e sim um trabalho que possibilita novas investigações sobre as comunidades quilombolas da capitania de Pernambuco, e de modo mais amplo sobre muitas histórias das sociedades escravistas, desse lado e do outro lado do Atlântico.

Lá no alto da Serra da Barriga é possível ampliar as perspectivas e perceber novos horizontes.

1 LARA, Silvia Hunold. **Palmares & Cucaú**: o aprendizado da dominação. São Paulo: Edusp, 2022, p. 388-392.

2 Os caminhos para pesquisas futuras são encontrados no belíssimo projeto *Documenta Palmares*, que apresenta, mais de 1.800 cópias de documentos manuscritos e impressos sobre as histórias de Palmares, caminhos metodológicos, mapas e se configura como um exemplo a ser seguido em relação a divulgação de acervos, sobre história digital e pública. *Documenta Palmares* é um presente para pesquisadores interessados no tema. Disponível em: Início | Documenta Palmares (unicamp.br).

Histórias que cruzam o Atlântico: itinerários que levam até Palmares & Cucaú

O OLHAR PARA AS HISTÓRIAS da África Centro-Occidental, em meados do século XVII, é mais uma das muitas contribuições metodológicas do livro. Sem rotular como História Atlântica, essa conexão inevitável é nítida para que questões sobre a história da escravidão no Brasil sejam exploradas com mais embasamento e profundidade.

Silvia Lara apresenta teses que há décadas vêm sendo debatidas por intelectuais dedicados aos estudos sobre Palmares. Uma delas se refere à predominância *bantu* entre os africanos e afrodescendentes que buscaram refúgio nas regiões, a chamada “onda angolana”, contextualizando a história de Palmares com os cenários atlânticos do tráfico de escravizados e da história social da escravidão na antiga capitania de Pernambuco. Aqui ela aponta a necessidade de se problematizar as diferenças entre porto de embarque e “nação” de origem quando pontua que, ao analisar os embarques de escravos no porto de Luanda, ocorreu uma classificação genérica de diferentes etnias, que passaram a ser mencionadas na documentação e vistos na sociedade colonial como “Angolas”. A autora vai além desse aspecto quando aponta para outras possíveis conexões com diferentes povos que viviam em regiões da África Centro-Occidental ao indicar entre os habitantes “fugitivos” dos quilombos da região, nos processos de formação de comunidade entre esses personagens.³

Os esclarecimentos apontados no capítulo III “Conjunções”, especialmente os itens “Guerras em Angola e sobas, vassalos e escravos”, reforçam o imperativo de atravessar o Atlântico para analisar de forma conectada episódios como a invasão holandesa em Luanda e em Pernambuco, os impactos e consequências dos fluxos de desembarque dos escravizados traficados e o próprio vocabulário empregado na cultura política utilizada por colonizadores e colonos em conquistas ultramarinas. Um aspecto destacado por Silvia Lara é o da linguagem política e cultural utilizada na documentação metropolitana. A interpretação sobre o acordo firmado entre Gana Zumba e as autoridades locais, que deveria também garantir os interesses da Coroa, aponta para os significados dos termos de “vassalagem” que fizeram parte dessa negociação, principalmente sobre o que cada uma das partes do acordo entendia por vassalagem e sobre a condição de ser “vassalo”.⁴

Nessa etapa do caminho, volto para Angola com Silvia Lara, que mostra a necessidade de compreender as cerimônias de avassalamento dos sobas, que na lógica das expectativas lusitanas, deveria formalizar a suposta obediência desses chefes centro-africanos ao monarca português. Novos questionamentos surgem com o aprofundamento

3 Entre os povos que habitavam regiões da África Centro-Occidental destaco os ambundos, ovimbundus, bacongus e outros grupos que passaram a ser reconhecidos e classificados na documentação e na historiografia pelos nomes das regiões que habitavam, como por exemplo: kisamas, cassanjes e loangos.

4 CARVALHO, Flávia Maria de. **Sobas e homens do rei: relações de poder e escravidão em Angola. Séculos XVII e XVIII**. Maceió: Edufal, 2015. HEINTZE, Beatrix. **Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história**. Luanda: Ed. Kilombelombe, 2007.

dos estudos sobre as relações estabelecidas entre portugueses, luso-africanos e africanos em regiões centro-africanas, como por exemplo a compreensão de Gana Zumba sobre os termos de avassalamento. A compreensão de Gana Zumba sobre vassalagem teria interferido em sua decisão de aceitar ir para Cucaú? A existência de rivalidades internas presentes entre os habitantes palmarinos pode ter relação com uma reprodução ou recriação de rivalidades que aconteciam em Angola?

Outro exemplo do tratamento complexo desse encontro de culturas é a atenção de Lara à grafia do termo *bangala* no documento localizado na Biblioteca Pública de Évora. Compreender o significado da expressão na fonte produzida por um administrador da Coroa esclarece muito sobre as percepções que eram criadas e reproduzidas sobre os habitantes dos quilombos de Palmares.⁵ *Bangala*, no contexto de produção dessa fonte, tem seu significado associado a guerreiros e à valentia, mas também pode ser uma das possíveis grafias de *imbangala* – grupo de guerreiros da África Centro-Occidental.

Silvia Lara vai além de tentar buscar um “purismo *bantu*” em Palmares. Ao refletir sobre o lugar das heranças africanas na sociedade, mostra que não existe regra nem fórmula para nomear esses processos de forma genérica, já que entre os binômios permanências – rupturas, transformações – adaptações existem experiências que precisam ser estudadas em seus tempos e em seus espaços.

As histórias que ela escreve são pautadas em encontros e ressignificações, nas práticas de resistências e de alternativas para as vivências coletivas em uma sociedade marcada pelas violências plurais que sustentavam diferentes etapas responsáveis por manter o cativeiro no chamado Novo Mundo.

A dimensão da “onda angolana” precisa considerar as transformações impostas pelas violências das diásporas, as necessidades e as estratégias utilizadas por esses escravizados, cativos ou fugitivos em suas lutas diárias. Se padre Antônio Vieira, em 1648, afirmou que “Sem negros não há Pernambuco, e sem Angola não há negros”, Silvia Lara deixa evidente que sem estudar e compreender as histórias de Angola não podemos entender as histórias das sociedades escravistas desse nosso lado do Atlântico.

As interpretações sobre o *Acordo de Paz* e sobre os desdobramentos dos acontecimentos de 1678 ampliam os debates sobre as políticas e sobre as estratégias utilizadas de dominação implementadas pelos portugueses em terras ultramarinas, contemplando de forma direta o subtítulo *O aprendizado da colonização*. O papel da violência como principal recurso para o enfrentamento junto aos “fugitivos” também pode ser problematizado no episódio protagonizado por Gana Zumba. Ao ler, em *Palmares &*

5 Sobre o debate a respeito dos *jagas* e *imbanglas*: BIRMINGHAM, David. **Alianças e conflitos**. Os primórdios da ocupação estrangeira em Angola. 1483-1790. Luanda: Arquivo Nacional de Angola/ Ministério da Cultura, 2004. MILLER, Joseph. Requiem of the “*jagas*”. **Cahier d'études africaines**, v. 13, n. 49, 1973. p. 121-149. MILLER, Joseph. Thanatopsis. **Cahier d'études africaines**, v. 18, n. 69-70, 1978. p. 229-231. THORNTON, John. A resurrection for the *jaga*. **Cahier d'études africaines**, v. 18, n. 69-70, 1973. p. 223-227. HILTON, Anne. The *jaga* reconsidered. **The Journal of African History**, Cambridge, v. 22, n. 2, 1981, p. 191-202.

Cucaú, os trechos sobre os castigos aplicados aos fugitivos e rebeldes, Silvia Lara retoma o tema de seu primeiro livro, *Campos da violência*.⁶ Em ambos os livros Silvia propõe reflexões e ponderações a respeito do emprego indiscriminado da dor física como recurso pedagógico e punitivo, e a função, também pedagógica, das punições exemplares em sociedades seiscentistas.

As repressões e os ataques aos quilombos da região representavam para os seus moradores medos, angústias e incertezas sobre suas vidas. Os habitantes dos quilombos temiam castigos, privações de diferentes tipos, perdas dos laços de sociabilidade e até própria morte. Silvia Lara, ao destacar o *Acordo de Paz*, comprova que negociações devem ser consideradas como estratégias de resistências nos estudos sobre Palmares. A decisão tomada por Gana Zumba, e a ida para Cucaú, é apresentada no livro como um recurso ou uma estratégia de preservação.

O caminho da pesquisa de Silvia Lara em algum momento aparece em minha mente como uma trilha rumo a Palmares, rumo à Serra da Barriga. Na minha imaginação, enquanto caminhava, recolhia além das fontes as impressões desses registros, as motivações de sua escrita e de seus silêncios. Ela ensina a importância do olhar cuidadoso com os detalhes, com as notas, com as grafias, também sobre a importância da sensibilidade na construção de métodos refinados que interferem diretamente na forma de ler as fontes. Silvia Lara segue caminhos que foram percorridos e desbravados por muitos antes de nós, com as dificuldades e os desafios de seus tempos, precisando serem revisitados e renovados. Imagino também que nesse percurso podem ter surgido dilemas, angústias e questionamentos sobre qual direção seguir. Ela também sinaliza a necessidade de desviar de possíveis armadilhas e de alguns atalhos que muitas vezes não são as melhores opções. Ficam orientações para aqueles que desejam explorar o tema: o planejamento da trilha a ser seguida é tão importante quanto saber recalcular a rota quando for necessário. Da mesma forma é importante estar atento às pistas que surgem pelo caminho e que podem passar despercebidas por desatenção do historiador.

O livro mostra o resultado do percurso escolhido por Silvia Lara para contar as muitas histórias das comunidades quilombolas da região. Provoca a reflexão sobre as razões e as consequências do silenciamento de determinados episódios que interferem na forma de analisar essas histórias, reafirmando que essas escolhas são diferentes e mudam com o tempo.

Palmares & Cucaú confirma que a decisão sobre a rota foi certa, que o caminho valeu a pena e que a vista lá do topo da serra revela memórias ancestrais que precisam ser contadas e recontadas. Silvia Lara ensina que temas não se esgotam e que encontros com fontes que até então não eram protagonistas levam a novas conclusões sobre o tema. Após

6 LARA, Silvia Hunold. **Campos da violência**. Escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro. 1750-1800. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

a leitura do livro, considerando os rumos das pesquisas atuais, ficam algumas questões: que versão sobre Palmares a historiografia do nosso tempo pretende contar? Existem motivações para as escolhas dessas versões?

Recebido: 09/10/2024

Aprovado: 18/11/2024